



José **M**arcondes
Borges

Símbolos e
Côres da
Universidade
Rural do
Estado de
Minas
Gerais

Impresso nas Oficinas Gráficas da Divisão de Informação da
Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

SÍMBOLOS E CÔRES DA UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS E DE SUAS UNIDADES

José Marcondes Borges

Foi escrita a presente exposição com o fito de dar conhecimento aos Uremguianos do simbolismo e das razões que presidiram à criação do Braço de Armas e outros distintivos da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais e, ao mesmo tempo, justificar o pensamento de seu criador.

Entre a fundação da primitiva Escola Superior de Agricultura e Veterinária e a da UREMG, tivemos, sucessivamente, vários emblemas. Isto porque cada geração se julgou no direito de fazer prevalecer o próprio gosto, contra o da anterior, esquecendo-se de que os pósteros também usufruíam da mesma regalia. Como resultado desse processo, sofreram a Instituição e os próprios esvaziados, incapazes de se reconhecerem no tempo e no espaço, tôdas as vezes que se afastavam da alma-mater.

Com o advento da UREMG e a pedido de seus estudantes, o Conselho Universitário mandou estudar o assunto e, ao final, em sessão de 3 de julho de 1952, oficializou os modelos que são apresentados neste trabalho,* extinguindo assim, a caótica pletera de símbolos.

A Heráldica, Ciência do Braço ou Ciência Heróica, é definida pelo Cônego Manuel de Aguiar Barreiros como a "arte que dita as regras a seguir na formação dos escudos de armas ou nobiliários, interpretando-os ou descrevendo-os". Para Gevaert, a Heráldica é arte, quando trata do desenho ou pintura dos escudos, e ciência, quando trata da interpretação dos mesmos.

O uso de sinais simbólicos, como distintivos pessoais ou de sociedades, é tão velho quanto as civilizações. Chineses, egípcios, hebreus, assírios, gregos, romanos e outros povos antigos, usavam-

* Fundada em 21 de fevereiro de 1964, a Escola Superior de Florestas não tinha tido os seus símbolos aprovados pelo Conselho Universitário, ao tempo em que foi escrita a presente exposição (outubro de 1964).

nos de uma forma ou de outra. Sòmente há 1000 anos, entretanto, é que os primeiros braços, pròpriamente ditos, apareceram em torneios realizados na Alemanha. No transcurso do século XI ou XII, foram fixadas as leis heráldicas — feito atribuído ao franceses — e, no século XIII, a Heráldica atingiu, com a liberdade artística, o seu apogeu, para cair em decadência, no fim do século XVI. Nesta última fase, os arautos de armas fizeram um código, que tomou o nome dêles, e daí provém o têrmo Heráldica.

Na feitura de um braço se deve seguir a seguinte ordem hierárquica: esmaltes, figuras, contórno ou forma do escudo e acessórios.

Os esmaltes compreendem os metais, prata e ouro, e as côres, que podem ser divididas em principais: azur ou blao (azul), que representa o ar, goles (vermelho sanguíneo), que representa o fogo e sable (negro), que representa a terra, e secundárias: sinople (verde), que representa a água, e púrpura.

Na escolha do ouro e sable, como esmaltes da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, levaram-se em consideração os pontos a seguir:

- 1 — O simbolismo dos esmaltes é uma questão capital.
- 2 — Uma das leis fundamentais da Heráldica, baseada em razões de ordem física e estética, reza: não se pode superpor côr sobre côr ou metal sobre metal.
- 3 — Os escudos mais nobres possuem apenas duas côres. A introdução de uma terceira côr diminui o braço.
- 4 — A tonalidades das côres não é muito importante, mas, geralmente, se preferem as côres francas.
- 5 — Dos metais, a prata é o símbolo da pureza de consciência, da eloquência e da humildade, enquanto o ouro representa a sabedoria, a riqueza, a maturidade de espírito e a inteligência.
- 6 — Quanto às côres, o simbolismo é o seguinte:
 Azur: símbolo do ar, do mar, do desinterêsse das coisas terrenas etc.
 Goles (vermelho): símbolo do fogo, da vitória, dos heróis e dos mártires, da caridade etc.
 Sinople (verde): símbolo da água, da esperança e da fé.
 Sable (negro): símbolo da terra, das coisas da vontade, da execução etc.

Em virtude do exposto, achou-se que nenhum agrupamento seria mais simbólico para nossa Instituição do que o ouro-sable, pois, não é a Universidade fonte de sabedoria e a terra o objetivo da UREMG?

Deve-se ainda notar que é uma belíssima combinação, largamente empregada, desde remota antiguidade, entre os mais nobres braços europeus.

Em Heráldica, os esmaltes são independente das figuras. Estas e aquêles completam-se, mutuamente. Na escolha da figura, estudaram-se muitas sugestões, tais como: livro, árvore, globo etc., e fixou-se a do Universo, por lembrar o nome que se desejava simbolizar. Quanto ao tipo de globo, pensou-se, inicialmente, na esfera armilar, mas, considerando a dificuldade de sua execução, em certos casos, decidiu-se, finalmente, pelo globo, em projeção, tendo uma estrêla característica e próxima ao trópico de capricórnio, para servir de sinal de nossa posição geográfica.

Muitos perguntam porque não colocar a palavra UREMG no escudo, o que o tornaria mais reconhecível. É preciso notar que, em Heráldica, a linguagem é essencialmente simbólica e o uso de letras só apareceu na sua fase de decadência. Nossa Universidade, pelo seu valor, é que deverá fazer seu escudo reconhecido por todos, tal como a cruz, que é o maior de todos os símbolos, por representar idéias imperecíveis.

Como se sabe, a Heráldica tomou grande impulso nos torneios e a forma dos atuais escudos é derivada justamente do instrumento de defesa usado pelos cavaleiros. Mais tarde, a fantasia dos artistas modificou o primitivo desenho criando, muitas vezes, formas até deselegantes. Entre os vários contornos de escudo, tais como: arredondado (forma espanhola), aguçado na ponta (forma francesa), irregular (forma alemã) e com entradas curvas nos lados (forma italiana), preferiu-se adotar a clássica que, além de bela, dá mais majestade ao braço da Universidade.

Considerando que o nosso escudo é constituído apenas de um globo em campo pleno, o mais nobre dos campos, deixam-se de lado explicações sobre as partições do campo, quer primitiva (escudo partido, cortado, tronchado, talhado, esquartelado etc.) quer secundárias (faixa, banda e outras).

Resta falar sobre os acessórios. Estes, como o próprio nome indica, não são absolutamente necessários no braço, tendo o escudo, por si mesmo, valor e simbolismo suficientes para definir a instituição. Não são, porém, sem valor, tanto que têm sido usados, desde os áureos tempos da Heráldica, distinguindo vários predados das pessoas ou instituições a quem os braços pertencem.

Os acessórios que têm significação heráldica são: o timbre, a cimeira, os lambrequins, as insígnias, a divisa, as condecorações, os tenentes, o pavilhão real e as bandeiras, sendo os demais simples ornamentos. Aparecem, conforme o braço, não havendo necessidade de existir todos, nem ser das mesmas cores do escudo.

O timbre representa o elmo do cavaleiro o qual é empregado, atualmente, apenas nos escudos de militares. O papa usa a tiara; cardeais, bispos e outras autoridades eclesiásticas, o chapéu ou capelo; os reis, a coroa real; os duques, a coroa ducal etc. Achou-se que a cornucópia, símbolo da riqueza, ficaria bem como timbre da Universidade, porque é justamente a obtenção de riquezas, o coroa-

mento do nosso esforço. Em nosso escudo, a cornucópia deverá ser de côr vermelha e o seu conteúdo, ouro.

A cimeira representa o tufo que os cavaleiros usavam sôbre o elmo. Atualmente, empregam-se como cimeira, em maior escala, pequenas figuras de animais. Em o nosso caso, poderíamos, por exemplo, usar como cimeira, a repetição, em ponto menor, do globo do escudo, ou a árvore, ou outra figura de valor simbólico e decorativo. Pensou-se, todavia, que ela poderia ser omitida.

Os lamberquins representam os penachos que caíam do elmo. Entre nós é dispensável, pois não somos militares.

As insígnas têm valor apenas como reforçadoras do timbre. É o caso das chaves no escudo pontifício e do báculo ou mitra para os bispos. Preferiu-se prescindir delas no escudo em foco.

Não foi difícil a escolha da divisa. Até o advento da UREMG, nosso mote tinha sido: **Estudar, Saber, Agir e Vencer**, que lembrava, em suas iniciais, o primitivo nome da Escola Superior de Agricultura e Veterinária, origem da atual Universidade. Nada melhor, portanto, que manter tão significativa, simbólica e tradicional divisa. Na transposição para o latim — língua morta e portanto, imutável — teve-se que alterar ligeiramente o sentido da primeira palavra, isto porque o verbo estudar corresponde ao "studere" latino, começado em s, o que alteraria a primeira inicial. Aprender, que é justamente o objetivo do estudo, é traduzido em latim por Ediscere, o que garante a continuidade da sigla — **ESAV** — no braço da Universidade, ficando a divisa definida como: **Ediscere, Scire, Agere, Vincere**.

No braço, à maneira universal, o mote deverá ser inscrito no verdadeiro gótico, sendo de notar que a caligrafia geralmente conhecida como gótica chama-se, na realidade, inglesa antiga.

Nossa Universidade não tem condecorações, mas, se vier a ser agraciada com algumas, de futuro, estas deverão ser ajuntadas ao braço, pendentes ou à volta dêle.

Os suportes, ou tenentes, figuras humanas ou de animais que parecem sustentar o escudo, são encontrados em quase todos os braços que possuem acessórios. Constatou-se que muitos fizeram um cavalo de batalha em torno dos touros alados, propostos como tenentes. Alguns, por exemplo, criticaram a côr, achando o vermelho muito agressivo. Duas razões determinaram sua escolha. A primeira é que o ouro-sable é, por natureza, uma combinação bela porém, triste, necessitando de uma côr viva para tornar o braço mais notado, o que, de fato, acontece, pois os touros alados têm sido bastante discutidos. A segunda é que, na bandeira, devemos usar as côres do braço, e é rara a que não possui o vermelho em sua constituição; embora êsse distintivo não esteja subordinado às leis heráldicas tem, todavia, o seu simbolismo. Será justo defendermos princípios e não esperar a vitória dêsses princípios? E o que indica o vermelho senão a vitória? Assim, por razão simbólica e estética devemos ter o vermelho em nosso braço e em nossa bandeira.

Quanto à figura, por que criticá-la? O touro é, segundo Gevaert, o sinal da força, o que satisfaz o simbolismo e as figuras quiméricas vêm sendo usadas nos braços, desde a fase clássica da Heráldica. Ainda hoje, são vistas nos escudos mais nobres e antigos, aparecendo as figuras, ao natural, justamente na fase de decadência.

O pavilhão ou manto real é usado apenas em escudos de reis, do mesmo modo que as bandeiras são vistas somente em escudos de militares e de estados.

Chama-se brissar, quebrar ou dividir as armas, a introdução de modificações no braço da linhagem principal, a fim de que sejam usados pelos descendentes.

No momento, a UREMGE é constituída de cinco escolas, de modo que foi necessário brissar o seu escudo para que cada uma delas tivesse seu próprio braço, os quais, entretanto, mostram claramente a sua dependência do tronco principal.

Os quartéis de todas as Escolas são em sable, com seu símbolo próprio, em ouro. Evitou-se, deste modo, a diminuição do valor heráldico do emblema, pela introdução de outra cor.

Ao escolher-se, para símbolo da Escola de Agricultura, a roda dentada e o arado, não se levou em conta o gosto pessoal e sim a tradição existente entre os profissionais da Agricultura.

Para a Escola de Ciências Domésticas, foi proposta uma rosa de ouro, com o intuito de significar a associação da beleza com a sabedoria.

Para a Escola de Especialização selecionou-se um trevo estilizado, por ser ele o símbolo da perfeição.

Pareceu natural tomar a árvore como símbolo da Escola de Florestas, tendo sido escolhido o pinheiro, entre elas, pela sua sinelidade e expressividade.

Uma outra árvore, copada, para exprimir o desejo de que eles sejam em grande número, será o sinal característico dos cursos médios.

Quanto às cores das Unidades, se bem que não façam parte dos escudos, há, também, algumas observações a fazer.

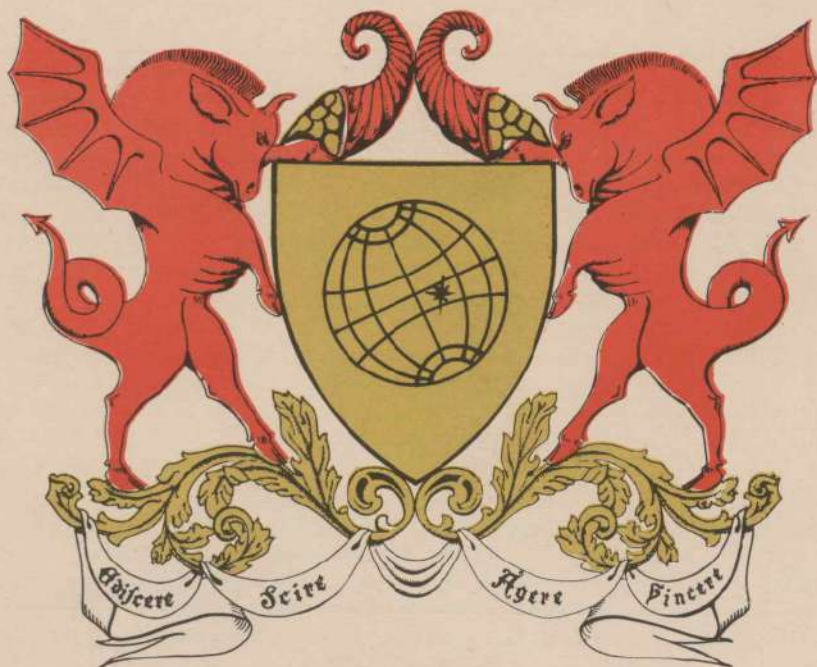
A cor azul já se tornou mais ou menos tradicional para as Escolas de Agricultura, ainda que a escolha tenha sido primariamente errada, por ser o azul o símbolo do afastamento das coisas da terra.

Para a Escola de Ciências Domésticas elegeu-se o branco, representação da pureza.

Para a Escola de Especialização preferiu-se o vermelho, pela sua associação com a vitória.

A cor verde, para a Escola de Florestas, é quase de natural imposição.

É de justiça salientar, ao final destas notas, o nome do Professor Alfred Beck Andersen, artista responsável pela execução gráfica dos projetos e dos modelos adotados oficialmente.



MODÉLO OFICIAL DO BRAZÃO, EM CÔRES



ESA



EMA



ESCD



ESF



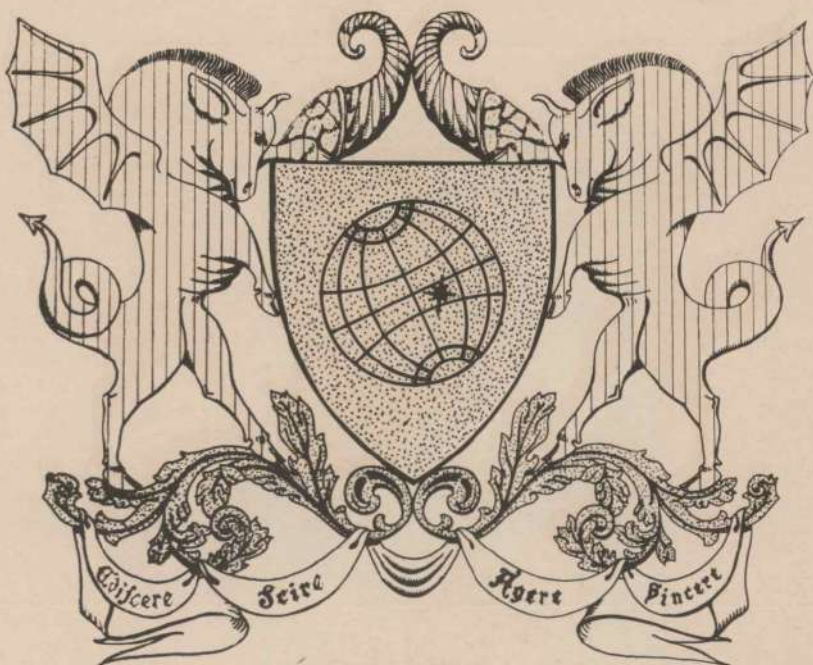
EE

MODÉLO OFICIAL DAS CARGAS, EM CÔRES

NOTAS IMPORTANTES

1. Por falta de tinta apropriada, a parte onde devia vir o ouro foi impressa em amarelo; onde devia vir a prata foi deixada em branco.

2. O braço particular de cada Unidade é obtido por superposição, no canto superior esquerdo do escudo, da carga própria, como se poderá ver, por exemplo, na flâmula.



MODÉLO OFICIAL DO BRAZÃO, EM PRETO E BRANCO OU EM OUTRA CÔR E BRANCO



ESA



EMA



ESCD



ESF



EE

MODELOS OFICIAIS DAS CARGAS, EM PRETO E BRANCO OU EM OUTRA CÔR E BRANCO



OURO



GOLES (vermelho sanguíneo)
CONVENÇÃO HERÁLDICA DE CÔRES



PRATA

NOTA IMPORTANTE

O braço particular de cada Unidade é obtido por superposição, no canto superior esquerdo do escudo, da carga própria, como se poderá ver, por exemplo, na flâmula.



MODÉLO OFICIAL DA BANDEIRA DA UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Por falta de tinta apropriada, a parte onde devia vir o ouro foi impressa em amarelo; onde devia vir a prata foi deixada em branco.



UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

MODÉLO OFICIAL DA FLÂMULA DA UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Por falta de tinta apropriada, a parte onde devia vir o ouro foi impressa em amarelo; onde devia vir a prata foi deixada em branco.



MODÉLO OFICIAL DA FLÂMULA DA ESCOLA DE ESPECIALIZAÇÃO

Por falta de tinta apropriada, a parte onde devia vir o ouro foi impressa em amarelo; onde devia vir a prata foi deixada em branco.

UREMG



FLOR

MODELO DA FLÂMULA DA ESCOLA SUPERIOR DE FLORESTAS

Por falta de tinta apropriada, a parte onde devia vir o ouro foi impressa em amarelo; onde devia vir a prata foi deixada em branco.

UREMG



ESD

MODÉLO OFICIAL DA FLÂMULA DA ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DOMÉSTICAS

Por falta de tinta apropriada, a parte onde devia vir o ouro foi impressa em amarelo; onde devia vir a prata foi deixada em branco.

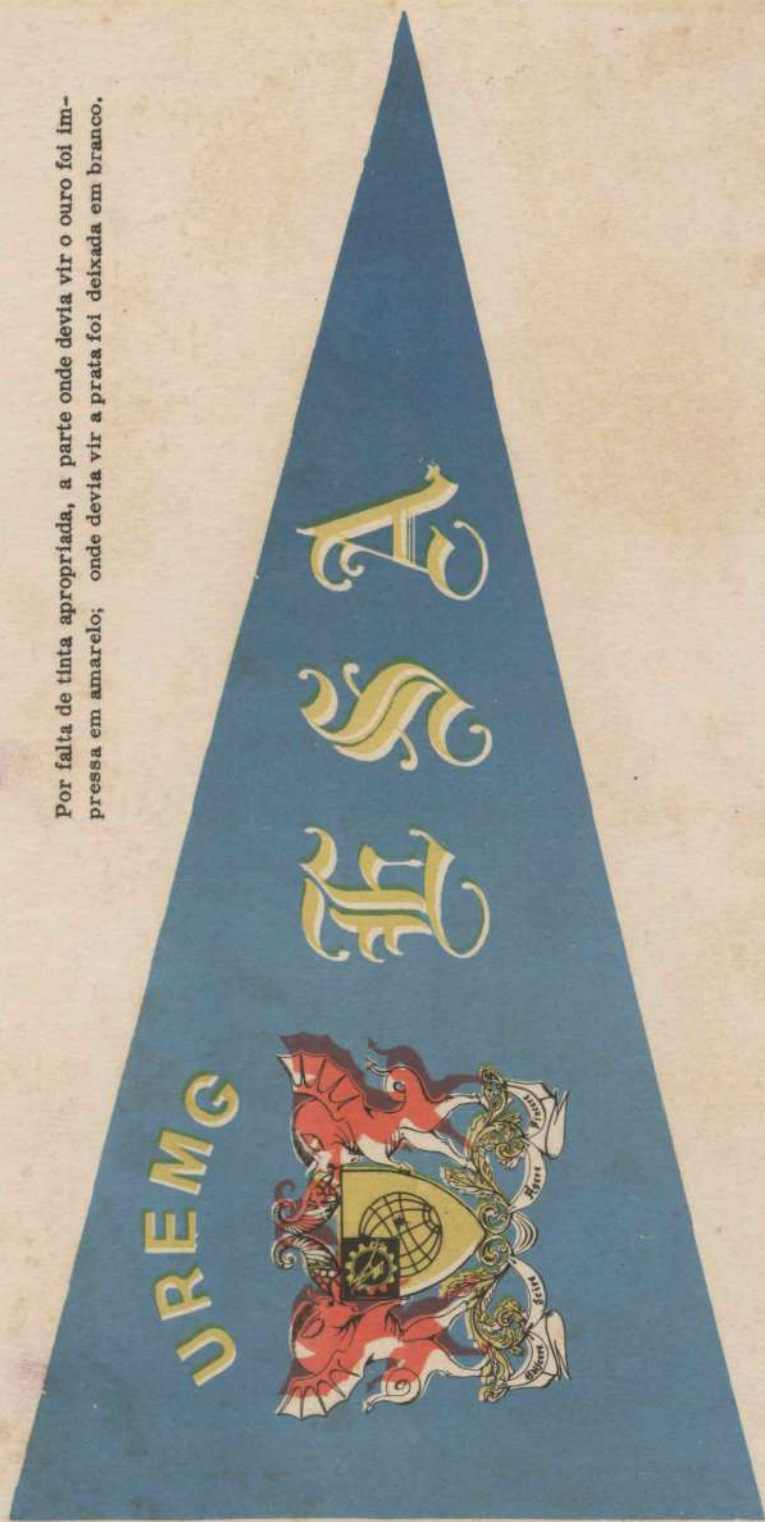
UREMG



FLÂMULA

MODÉLO OFICIAL DA FLÂMULA DA ESCOLA MÉDIA DE AGRICULTURA

Por falta de tinta apropriada, a parte onde devia vir o ouro foi impressa em amarelo; onde devia vir a prata foi deixada em branco.



MODÉLO OFICIAL DA FLÂMULA DA ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA